



BATISTA, Ronaldo de Oliveira;  
GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres.  
*Linguagem, comunicação, ação: introdução à língua portuguesa*. São Paulo: Avercamp, 2012. 144p.

Antonio Escandiel **SOUZA** \*

O livro *Linguagem, comunicação, ação: introdução à língua portuguesa*, elaborado por Alexandre Huady Torres Guimarães e Ronaldo de Oliveira Batista, conforme afirma a professora Eliza Guimarães, no capítulo de apresentação, está estruturado em um todo harmônico, em que cada uma das partes coloca em evidência o interesse principal da obra, ou seja, a análise da dimensão comunicativa e pragmática da língua portuguesa. Para isso, mobiliza vários componentes definidores da constituição da língua: gramática, léxico, processos textuais, interação verbal, variação linguística, articulando-os em uma unidade de significação (p. 9).

A vasta experiência dos autores na área de ensino-aprendizagem de língua portuguesa contribui, com certeza, para o êxito da obra. Ronaldo de Oliveira Batista é doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo e atua como professor no curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Realiza pesquisas na área de Historiografia Linguística e publicou, entre outras obras, *A palavra e a sentença: estudo introdutório*, pela Parábola Editorial, e *Introdução à pragmática: a linguagem e seu uso*, pela Editora Mackenzie.

---

\* Doutorado (2009) em Estudos da Linguagem/Linguística Aplicada pela UFRGS. Professor adjunto e pesquisador na Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, diretor do Centro de Ciências Humanas e Comunicação da mesma universidade. Contato: asouza@unicruz.edu.br.

Alexandre Huady Torres Guimarães é doutor em literatura pela Universidade de São Paulo e professor no curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor de artigos e capítulos de livros, suas pesquisas concentram-se na relação entre literatura e outras linguagens e artes e também nas reflexões sobre literatura e o processo de ensino-aprendizagem. Organizou, com Ronaldo de Oliveira Batista, o livro *Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula*, pela Parábola Editorial.

Ao referirem-se à obra, no prefácio, Maria Helena de Moura Neves (UPM, Unesp) e Diana Luz Pessoa de Barros (UPM, USP) afirmam que se trata de “uma introdução ao estudo da língua portuguesa em nível universitário. Dirige-se, prioritariamente, a professores e alunos dos cursos de Letras e de Comunicação, ou seja, àqueles que formam profissionais de linguagem, mas também visa a atingir leitores em geral, interessados na reflexão sobre linguagem e sobre comunicação em língua portuguesa. Trata-se de uma obra determinadamente ligada aos posicionamentos e às decisões de ação escolar” (p. 11).

O livro está organizado em três partes:

- a) uma visão inicial das formas de abordagem da língua portuguesa (capítulo 1), tendo em vista a percepção de como podem ser analisados os fenômenos linguísticos;
- b) uma observação e análise da língua em uma perspectiva comunicativa, com destaque para o texto, visto como unidade de comunicação (capítulo 2);
- c) uma abordagem de aspectos pragmáticos, explicitando análises que levam em consideração a linguagem em uso (capítulo 3).

O capítulo inicial apresenta algumas visões sobre a língua, a partir de alguns questionamentos fundamentais: qual a relação da linguagem com a biologia?; como a linguagem e a ideologia se relacionam?; a língua sofre que tipo de influência da História e da sociedade?. De acordo com os autores, responder a estas questões é definir a visão de língua que se vai assumir em um estudo descritivo e explicativo, colocando-se, dessa forma, em uma corrente histórica de teorias e formas de análise.

Totalmente de acordo com a proposição teórica assumida, a obra apresenta quatro visões de língua: língua e faculdade da linguagem; língua e ideologia; língua História e sociedade; língua e interação verbal. Para sustentar as concepções apresentadas, os autores recorrem a teóricos renomados como Jakobson (1995), Fiorin (2004), Chomsky (2008) e Lajolo (2008), entre outros.

Ao estabelecer relação entre língua e literatura, ainda no capítulo inicial, a obra traz reflexões por meio de análises da linguagem literária. Para tanto, ressalta-se que, para discutir o que é, qual o papel e a função da literatura, não se deve perder de vista que todas essas questões envolvem, em primeira instância, o texto. Assim, conforme os autores, quando se pensa em texto, se pensa, em princípio, em texto verbal, e esse pensar pode ser justificado em função do instrumento pelo qual se constrói a literatura: a palavra.

Explorando o texto poético musical “Construção”, de Chico Buarque, numa abordagem extremamente didática, Batista e Guimarães procuram mostrar que a linguagem literária é uma linguagem metafórica. Evidenciam também que cada um dos 41 versos desse texto é finalizado por palavras proparoxítonas, que são encontradas em menor número, sob o ponto de vista da tonicidade, na língua portuguesa.

Ao abordar o arranjo das palavras, a plurissignificação e a polissemia, é ressaltado, ainda neste capítulo, o papel do leitor, do qual, segundo os autores, depende a fruição do texto, pois quanto mais experiente for o leitor, maiores serão as possibilidades de interpretação.

Um dos pontos positivos da obra são os guias de leitura, onde são apresentadas, ao final de cada capítulo, bibliografias interessantes e atuais sobre as temáticas discutidas.

Na sequência, o segundo capítulo apresenta como questões fundamentais o que se entende por jogo da linguagem, quais as dimensões dos sentidos, como se processa a comunicação humana por meio das línguas e quais as características do texto como unidade básica de comunicação. Conforme os autores, o que se pretende é privilegiar a comunicação e a interação pela linguagem, através do estudo dos mecanismos que regem a comunicação em língua portuguesa, procurando entender as formas e os impasses de um processo que permite nossa demarcação no espaço social e a nossa própria constituição como membros de um grupo.

Para tanto, Batista e Guimarães partem da ideia de que “se comunicar é se colocar em um espaço discursivo (de uso socialmente situado da linguagem), utilizar a língua portuguesa em situações definidas de interação verbal é produzir os mais diferentes efeitos de sentido, ou seja, é se comunicar também de diferentes maneiras e dispendo de várias possibilidades” (p. 48). São focalizadas possíveis escolhas no jogo da linguagem, através de elementos do processo comunicativo e as funções da linguagem. Apresenta-se, de forma esquemática, uma visualização clássica das funções

da linguagem, segundo Jakobson (1995), em relação aos elementos da comunicação.

Exemplos que ilustram a teoria apresentada são analisados e discutidos com o objetivo de cumprir, de forma didática, uma das propostas da obra: servir de aporte a estudantes e professores de graduação ou especialização. Os autores procuram concretizar esse propósito por meio de uma série de exercícios na perspectiva de que só se aprende a analisar uma língua analisando-a.

Nesse e nos demais capítulos, os exemplos ilustrativos com textos que confrontam língua e literatura, material selecionado criteriosamente com a finalidade de sinalizar os aspectos teóricos discutidos, merecem destaque e tornam a obra extremamente interessante.

A questão dos gêneros, de suma importância quando se discute língua(gem), é abordada eficientemente, com base em Mikhail Bakhtin (2010). É apresentada a distinção entre gêneros primários e secundários e os autores afirmam que estes são resultantes, por exemplo, de uma recriação artística e aqueles são formas de atuação relacionadas a situações de interação verbal.

Nos exercícios de final de capítulo, várias atividades propõem a identificação de gêneros discursivos em que se estabelece, de forma interdisciplinar, tendo em vista que são abordados temas diversos, relação com as funções da linguagem.

Aliás, outro aspecto elogiável da obra refere-se aos exercícios apresentados ao final dos capítulos. Atividades reflexivas proporcionam ao leitor a retomada dos textos, o que facilita a compreensão e o aprendizado. Desta forma, a retomada da teoria, oportunizada através dos exercícios, complementa a multiplicidade de relações que compõem a obra e a tornam, indiscutivelmente, importante ao contexto acadêmico.

O terceiro capítulo, inicialmente, traz as seguintes questões fundamentais:

- O que é um estudo pragmático da língua portuguesa?
- Falar é também agir, de que modo?
- Por que se diz que os interlocutores colaboram uns com os outros?
- Como dizer sem usar as palavras de modo explícito?

A linguagem em ação é abordada através da discussão sobre o falar, o agir e o persuadir: os atos de fala. A base teórica que sustenta as ideias é J. L. Austin e sua obra intitulada *Quando dizer é fazer*. Segundo Batista e Guimarães, Austin (1911-1960) procurou entender os fenômenos linguísticos

em relação às condições presentes no uso efetivo da linguagem, em meio a processos e relações sociais, a falantes ocupando diferentes papéis em contextos determinantes dos sentidos que a linguagem comum, do dia a dia, estabelece. “A grande colaboração de Austin é reconhecida como a *Teoria dos atos de fala*, por meio da qual o filósofo assumiu que diferentes ações são realizadas por meio da linguagem e seu uso. Ações entram em funcionamento quando os falantes utilizam a língua com diferentes propósitos em diferentes situações sociais de manifestação linguística” (p. 94-95).

A fim de explicitar tal teoria, apresentam-se, por meio de enunciados ilustrativos, diferentes situações de uso da língua em que se pode dizer algo sem se comprometer através dos atos de fala propostos por Austin. E a teoria e exercícios propostos abrem horizontes para a compreensão de as informações implícitas que se apresentam em forma de pressupostos e subentendidos precisam ser reconstruídas pelos participantes da atividade linguística.

Na seção “Língua e literatura”, ainda no capítulo 3, os autores procuram mostrar de que forma tópicos de Pragmática podem contribuir para uma análise da produção dos efeitos de sentido e também estéticos no texto literário, evidenciando, novamente, a possibilidade de estabelecer relação entre fenômenos literários e linguísticos. Eles asseguram que “Uma das questões da Pragmática é a análise dos atos de fala. Podemos observar em textos literários, na construção das circunstâncias dramáticas, que a formação de sentidos, delineando posicionamentos de personagens, relaciona-se com a compreensão ou não de enunciados de falantes e suas intenções, o que pode levar a reviravoltas na construção do enredo” (p. 121).

Para comprovar a afirmação, os autores apresentam um fragmento da obra *O homem que sabia japonês*, de Lima Barreto, onde o diálogo foi elaborado em verossimilhança, a fim de apresentar ao leitor uma relação conversacional viva e repleta de sentidos. Há, no exemplo mostrado, sentidos que não se dizem, mas que se fazem presentes por meio de implícitos, identificados pelos usuários da língua, tendo em vista que a competência pragmática é que possibilita uma efetiva comunicação.

A exemplo dos demais, o capítulo final propõe exercícios práticos que levam à reflexão e à retomada do conteúdo discutido, oportunizando ao leitor o que se pode definir como um verdadeiro “estudo pragmático”.

Com uma linguagem clara e acessível, rica em exemplos ilustrativos, Batista e Guimarães parecem dialogar com os leitores, estabelecendo uma

perfeita relação entre teoria e prática, o que torna o livro essência para a prática da reflexão linguística. Vale a pena conferir.

## Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CHOMSKY, N. *Arquitetura da linguagem*. São Paulo: Edusc, 2008.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2008.